



UMA AVENTURA
NA GUERRA DA
INDEPENDÊNCIA
AMERICANA

O FORTE

BERNARD CORNWELL

AUTOR DE CRÔNICAS SAXÔNICAS



1

Não ventava muito, de modo que os navios iam se arrastando rio acima. Eram dez: cinco navios de guerra escoltando cinco embarcações de transporte, e a maré agitada fazia mais para carregá-los em direção ao norte do que a brisa espasmódica. Havia parado de chover, mas as nuvens estavam baixas, cinzentas e sinistras. A água pingava lentamente das velas e dos cordames.

Havia pouco a se ver no horizonte, ainda que todas as amuradas estivessem cheias de homens observando as margens do rio que se alargava até formar um grande lago interior. Os morros ao redor do lago eram baixos e cobertos de árvores, enquanto a margem era intrincada com riachos, promontórios, ilhas cobertas de mato e pequenas praias pedregosas. Aqui e ali, em meio às árvores, existiam espaços abertos onde troncos eram empilhados ou então uma cabana de madeira se erguia junto a um pequeno milharal. A fumaça subia dessas clareiras e alguns homens a bordo dos navios imaginavam se os fogos distantes seriam sinais para alertar o território sobre a chegada da frota. As únicas pessoas que eles viram foram um homem e um garoto pescando em um pequeno barco aberto. O garoto, que se chamava William Hutchings, acenou empolgado para os navios, mas seu tio cuspiu.

— Lá vêm os diabos — disse ele.

Os diabos estavam, em sua maioria, silenciosos. A bordo do maior navio de guerra, uma fragata de 32 peças chamada Blonde, um diabo de casaca azul e bicorne coberto com oleado baixou seu telescópio. Franziu a testa pensativamente para a floresta escura e silenciosa pela qual seu navio passava.

— Para mim — disse ele — isso parece a Escócia.

O Forte

— Parece mesmo — respondeu cautelosamente seu companheiro, um diabo de casaca vermelha. — Certamente há uma semelhança.

— Porém há mais florestas do que na Escócia, não é?

— Muito mais — disse o segundo homem.

— Mas é parecido com a costa oeste da Escócia, não diria?

— Não é diferente — concordou o segundo diabo. Tinha 62 anos, era um tanto baixo, com um rosto astuto gasto pelo tempo. Era um rosto gentil com olhos azuis, pequenos e brilhantes. Tinha sido soldado por mais de quarenta anos e, nesse tempo, passara por uma quantidade de batalhas duras que o deixaram com o braço direito quase inútil, uma ligeira coxa-dura e uma visão tolerante quanto à humanidade pecadora. Seu nome era Francis McLean e era general de brigada, escocês, oficial comandante do 82o Regimento de Infantaria de Sua Majestade, governador de Halifax, e agora, pelo menos segundo os ditames do rei da Inglaterra, governador de tudo que examinava a partir do tombadilho superior do Blonde. Estava a bordo da fragata havia 13 dias, o tempo necessário para realizar a viagem desde Halifax, na Nova Escócia, e sentia uma pontada de preocupação de que a duração do percurso pudesse significar má sorte. Imaginou se teria sido melhor fazê-la em 14 dias, e tocou disfarçadamente a madeira da amurada. Havia um destroço queimado na margem leste. Aquilo já fora um eficiente navio capaz de cruzar um oceano, mas agora não passava de costelas de madeira queimada meio encobertas pela maré que carregava o Blonde rio acima. — A que distância estamos do mar aberto? — perguntou ao capitão da embarcação, de uniforme azul.

— Vinte e seis milhas náuticas — respondeu rapidamente o capitão Andrew Barkley. — E ali — ele apontou por cima da proa a estibordo e para além da serviola com cabeça de leão, onde uma das âncoras da fragata estava suspensa — é o seu novo lar.

McLean pegou emprestado o telescópio do capitão e, usando odesajeitado braço direito como apoio para os tubos, apontou-o para a frente.

Por um instante os pequenos movimentos do navio o derrotaram, de modo que só conseguiu vislumbrar um borrão de nuvens cinza e água escura e carrancuda, mas firmou-se até ver que o rio Penobscot se alargava até formar o grande lago que o capitão Barkley chamava de baía de Penobscot. A baía, pensou McLean, era na verdade um grande braço de mar que, como ele sabia a partir do estudo dos mapas de Barkley, tinha cerca de 13 quilômetros de leste a oeste e 5 quilômetros de norte a sul. Um porto se abria na sua margem leste. A boca do porto era ladeada por rochas, enquanto no lado norte havia um morro coroadado por árvores densas. Um povoado se localizava na encosta sul desse morro; mais de vinte casas e celeiros de madeira se espalhavam entre plantações de milho, canteiros de legumes e verduras e pilhas de lenha. Um punhado de barcos de pesca estava ancorado no porto, junto com um pequeno brigue que McLean presumiu que fosse uma embarcação mercante.

— Então isso é Majabigwaduce — disse baixinho.

— Soltar velas de gávea! — gritou o capitão. — Ordene que a frota fique à capa. Vou incomodá-lo para que sinalize pedindo um piloto, Sr. Fennel!

— Sim, senhor!

De repente a fragata fervilhou com homens correndo para soltar as velas.

— Aquilo é Majabigwaduce — disse Barkley num tom indicativo de que considerava o nome tão risível quanto o lugar.

— Canhão número um! — gritou o tenente Fennel, provocando outra corrida de homens para o canhão mais à frente a estibordo.

— O senhor tem alguma ideia do significado de Majabigwaduce? — perguntou McLean ao capitão.

— Do significado?

— O nome quer dizer alguma coisa?

— Não faço ideia, não faço ideia — respondeu Barkley, aparente-

mente irritado com a pergunta. — Agora, Sr. Fennel!

O canhão, carregado e com bucha, mas sem bala, foi disparado. Houve um coice fraco, mas o som pareceu extremamente alto e a nuvem de fumaça envolveu metade do convés do Blonde. O som se esvaiu e em seguida foi ecoado de volta pela margem, antes de sumir pela segunda vez.

— Agora deveremos descobrir alguma coisa, não? — perguntou Barkley.

— O quê? — indagou McLean.

— Se eles são leais, general, se são leais. Se foram infectados pela rebelião, dificilmente fornecerão um piloto, não é?

— Imagino que não — respondeu McLean, apesar de suspeitar que um piloto desleal poderia muito bem servir à sua causa guiando o HMS *Blonde* na direção de uma pedra. Havia muitas delas rompendo a superfície da baía. Numa delas, a menos de 50 passos da amurada de bombordo da fragata, um cormorão abriu as asas escuras para secá-las.

Esperaram. O canhão fora disparado, o sinal costumeiro pedindo um piloto, mas a fumaça impedia que qualquer pessoa a bordo visse se o povoado de Majabigwaduce responderia. Os cinco navios de transporte, quatro chalupas e uma fragata deslizavam rio acima com a maré. O barulho mais alto eram os gemidos, os chiados e o som de água espirrando na bomba de uma chalupa, a HMS *North*. A água esguichava ritmicamente a partir da ponta de um tubo de olmo preso ao casco enquanto os marinheiros a bombeavam no porão.

— Ele deveria ser desmanchado para fazer lenha — disse azedamente o capitão Barkley.

— Não há como remendar? — perguntou McLean.

— A madeira está podre. É uma peneira.

Pequenas ondas batiam no casco do Blonde, e a bandeira azul em sua popa balançava devagar ao vento espasmódico. Nenhum barco apareceu, e por isso Barkley ordenou que o canhão sinalizador disparasse uma

segunda vez. O som ecoou e sumiu de novo e, justamente quando Barkley estava pensando em levar a flotilha para o porto sem a ajuda de um piloto, um marinheiro gritou do topo do mastro de vante.

— Barco vindo, senhor!

Quando a fumaça da pólvora se dissipou, os homens no *Blonde* viram um pequeno barco aberto que de fato vinha bordejando do porto. A brisa do sudoeste era tão fraca que as velas castanhas mal conseguiam levar a embarcação contra a maré, de maneira que um rapaz usava dois remos compridos. Assim que chegou à baía mais ampla ele pôs os remos dentro do barco e caçou tanto as velas que o barquinho foi se aproximando lentamente da flotilha. Havia uma garota sentada junto à cana do leme, e ela guiou a pequena embarcação até o flanco de estibordo do *Blonde*, onde o rapaz saltou agilmente para os degraus que levavam ao tombadilho. Era alto, louro, com mãos calejadas e enegrecidas pelo manuseio de cordas e redes de pesca alcatroadas. Usava calções de pano feito em casa, um casaco de lona, botas desajeitadas e um gorro de tricô. Subiu ao convés e gritou para a garota embaixo:

— Cuide bem dele, Beth!

— Parem de ficar olhando de boca aberta, seus desgraçados cabeças de pudim! — gritou o contramestre para os marinheiros que espiavam a garota loura. Ela usou um remo para afastar o escaler do casco da fragata.

— Você é o piloto? — perguntou o contramestre ao rapaz. — James Fletcher — respondeu ele —, e acho que sou, mas o senhor não precisa de piloto. — Ele riu enquanto andava na direção dos oficiais na popa do *Blonde*. — Algum dos senhores tem tabaco? — perguntou enquanto subia a escada de tombadilho até o convés de popa. Foi recompensado com silêncio até que o general McLean enfiou a mão no bolso e pegou um curto cachimbo de barro, com o forninho já enchido com tabaco.

— Isso basta? — perguntou o general.

— Está perfeito — respondeu Fletcher, agradecendo, e então tirou

O Forte

o chumaço de fumo do forninho e enfiou-o na boca. Devolveu o cachimbo vazio ao general. — Não tenho tabaco há dois meses — explicou, assentindo com familiaridade para Barkley. — Não existem realmente perigos em Bagaduce, capitão, desde que o senhor fique longe de Dyce's Head, está vendo? — Ele apontou para o morro coroado de árvores no lado norte da entrada do porto. — Ali há pedras. E mais outras perto da ilha Cross, do outro lado. Mantenha o navio no centro do canal e vai estar em segurança total.

— Bagaduce? — perguntou o general McLean.

— É como nós chamamos aqui, excelência. Bagaduce. É mais fácil de dizer do que Majabigwaduce. — O piloto riu; depois cuspiu sumo de tabaco nas pranchas muito limpas do *Blonde*. O silêncio dominou o tombadilho superior enquanto os oficiais olhavam a mancha escura.

— Majabigwaduce significa alguma coisa? — perguntou McLean, rompendo o silêncio.

— Grande baía com grandes marés — respondeu Fletcher. — Pelo menos é o que meu pai sempre dizia. Claro que é um nome indígena, de modo que pode significar qualquer coisa. — O rapaz olhou ao redor do convés da fragata, com evidente apreciação. — Dia empolgante, esse — observou, afável.

— Empolgante? — perguntou o general McLean.

— Phoebe Perkins está esperando um bebê. Todos nós achávamos que ele já teria caído de dentro dela, mas não caiu. E vai ser uma menina!

— Como você sabe? — perguntou o general McLean, achando graça.

— Phoebe já teve seis bebês e todos são meninas. O senhor deveria disparar outro tiro de canhão, capitão, para espantar essa novinha de dentro dela!

— Sr. Fennel! — gritou o capitão Barkley através de um tom de trombeta. — Caçar velas, por favor.

O *Blonde* ganhou ímpeto.

— Leve-o — disse Barkley ao timoneiro, e assim o *Blonde*, o *North*, o *Albany*, o *Nautilus*, o *Hope* e os cinco transportes que eles escoltavam chegaram a Majabigwaduće. Aportaram em segurança e ancoraram. Era 17 de junho de 1779 e, pela primeira vez desde que tinham sido expulsos de Boston em março de 1776, os ingleses estavam de volta em Massachusetts.

A cerca de 320 quilômetros a oeste e um pouco ao sul de onde os diabos chegaram, o general de brigada Peleg Wadsworth desfilava com seu batalhão na praça da cidade. Apenas 17 pessoas estavam presentes, e nenhum deles poderia ser descrito como correto. O mais novo, Alexander, tinha 5 anos, e os mais velhos eram as gêmeas Fowler, de 12, Rebecca e Dorcas, e todos olhavam sérios para o brigadeiro, que tinha 31.

— O que quero que vocês façam — disse o general — é marchar em fila única. Quando eu der a palavra de ordem vocês param. Qual é a palavra de ordem, Jared?

Jared, que tinha 9 anos, pensou um segundo.

— Alto?

— Muito bem, Jared. Depois disso a próxima ordem será “preparar para formar fileira”, e vocês farão nada! — O brigadeiro espiou com solenidade sua tropa diminuta que estava numa coluna de marcha virada para o norte. — Entendido? Farão nada! Depois vou gritar para as companhias um, dois, três e quatro virarem à esquerda. Essas companhias — e ali o general andou pela linha indicando que crianças compunham as quatro companhias da frente — são a ala esquerda. O que você é, Jared?

— A ala esquerda — disse Jared, balançando os braços.

— Excelente! E vocês — o general andou pelo resto da linha — são as companhias cinco, seis, sete e oito, a ala direita, e vão virar à direita. Então darei a ordem para virar para a frente e vocês viram. Depois vamos girar em contramarcha. Alexander? Você é o porta-bandeira, e por isso não se move.

O Forte

— Quero matar um casaca vermelha, papai — implorou Alexander.

— Você não se move, Alexander — insistiu o pai do porta-bandeira, repetindo depois tudo que havia dito. Alexander estava segurando uma vara comprida que, nas circunstâncias, substituía a bandeira americana. Ele apontou-a para a igreja e fingiu atirar em casacas vermelhas, de modo que teve de ser empurrado de volta para a coluna que concordou, individualmente e em conjunto, que tinham entendido o que o ex-professor de escola queria que fizessem. — Agora lembrem-se — encorajou Peleg Wadsworth — de que quando eu der a ordem de girar em contramarcha vocês marcharão na direção para onde estão virados, mas girarão como o ponteiro de um relógio! Quero ver vocês girarem com suavidade. Estamos todos prontos?

Um pequeno grupo havia se reunido para olhar e aconselhar. Um homem, pastor visitante, ficara pasmo ao ver crianças tão pequenas aprendendo as rudes manobras militares e havia censurado o general Wadsworth por isso, mas o brigadeiro garantira ao homem de Deus que não eram as crianças que estavam sendo treinadas, e sim ele próprio. Desejava entender exatamente como uma coluna de companhias se organizava numa linha regimental capaz de destruir um inimigo com o fogo de mosquetes. Era difícil avançar tropas em linha porque uma longa fila de homens inevitavelmente perdia o rumo e a coesão e, para evitar isso, os homens deviam avançar em companhias, uma atrás da outra. Mas uma coluna assim ficava fatalmente vulnerável ao fogo dos canhões e se tornava praticamente incapaz de usar a maior parte de seus mosquetes, de modo que a arte da manobra era avançar em coluna e depois se organizar rapidamente em fileira. Wadsworth queria dominar esse tipo de exercício, mas como era general da Milícia de Massachusetts, e como os milicianos estavam quase todos em suas plantações ou nas oficinas, estava usando crianças. A companhia da frente, que normalmente teria três fileiras de trinta homens ou mais, aquele dia era composta por Rebecca Fowler, de 12 anos, e seu primo de 9, Jared, ambos crianças inteligentes e, assim esperava Wadsworth, capazes de dar

um exemplo que as demais copiarium. A manobra que estava tentando era difícil. O batalhão marcharia em coluna em direção ao inimigo e pararia. As companhias da frente se virariam numa direção, as companhias de trás se virariam na oposta, e então toda a linha giraria em contramarcha ao redor das bandeiras num eixo suave até que recebesse a ordem de parar. Isso deixaria as quatro primeiras companhias viradas de costas para o inimigo e Wadsworth precisaria ordenar que essas oito crianças dessem meia-volta, e nesse ponto todo o formidável batalhão estaria pronto para abrir fogo. Wadsworth vira regimentos ingleses realizando uma manobra semelhante em Long Island e havia admirado com relutância a precisão e visto por si mesmo a rapidez com que haviam se transformado de uma coluna em uma linha comprida que disparou uma torrente de fogo de mosquete contra as forças americanas.

— Estamos prontos? — perguntou Wadsworth outra vez. Tinha decidido que, se pudesse explicar o sistema a crianças, seria bastante fácil ensiná-lo a uma milícia do Estado. — Em frente, marchem!

As crianças marcharam razoavelmente bem, embora Alexander errasse com frequência ao tentar combinar os passos com os dos companheiros.

— Batalhão! — gritou Wadsworth. — Alto!

Eles pararam. Até agora, tudo bem.

— Batalhão! Preparar para formar fileira! Não se movam ainda! — Ele parou por um momento. — A ala esquerda virará à esquerda! A ala direita virará à direita, quando eu der a ordem! Batalhão! Virar à frente!

Rebecca virou à direita, em vez de à esquerda, e o batalhão se transformou em uma confusão por um momento até que o cabelo de alguém foi puxado e Alexander começou a gritar “pou” atirando em casacas vermelhas imaginários que vinham do Cemitério Comunitário.

— Girar em contramarcha! — gritou Wadsworth, e as crianças giraram em direções diferentes e agora, pensou o general desanimado, as

tropas britânicas teriam disparado duas saraivadas assassinas contra seu regimento. Talvez, imaginou, usar as crianças da escola onde ele dera aulas antes de virar soldado não fosse o melhor modo de desenvolver seu domínio das táticas de infantaria. — Formar fileira — gritou.

— O modo de fazer isso — sugeriu um homem de muletas no meio da multidão — é companhia por companhia. É mais lento, general, mas a lentidão e a firmeza garantem a vitória.

— Não, não, não! — interveio outra pessoa. — O homem-base da frente à direita na primeira companhia dá um passo à esquerda e mais um adiante, então ele se torna o homem-base da esquerda, levanta a mão, e o resto o acompanha. Ou “a” acompanha, no seu regimento, general.

— É melhor fazer companhia por companhia — insistiu o aleijado.

— Era assim que fazíamos em Germantown.

— Mas vocês perderam em Germantown — observou o segundo homem.

Johnny Fiske fingiu levar um tiro, cambaleou dramaticamente e caiu, e Peleg Wadsworth — ele achava difícil pensar em si mesmo como um general — decidiu que havia fracassado em sua tentativa de explicar a manobra adequadamente. Imaginou se algum dia necessitaria dominar as complicações da ordem-unida de infantaria. Os franceses tinham se juntado à luta dos Estados Unidos pela liberdade e mandado um exército através do Atlântico, e agora a guerra estava sendo travada nos estados do sul, muito longe de Massachusetts.

— A guerra foi vencida? — disse uma voz interrompendo seus pensamentos, e ele se virou e viu sua esposa, Elizabeth, carregando no colo a filha de um ano, Zilpha.

— Acredito que as crianças mataram todos os casacas vermelhas que restaram na América — respondeu Peleg Wadsworth.

— Deus seja louvado — disse Elizabeth despreocupadamente. Tinha 26 anos, cinco a menos do que o marido, e estava grávida de novo.

Alexander era o mais velho, depois vinha Charles, de três anos, e a bebê Zilpha, que olhava arregalada e solene para o pai. Elizabeth era quase tão alta quanto o marido, que estava guardando o caderno e o lápis em um bolso do uniforme novamente. Ele ficava bem de uniforme, pensou ela, embora a casaca azul com debruns brancos e a elegante aba abotoada estivesse precisando desesperadamente de remendos. Mas não havia tecido azul disponível, nem mesmo em Boston, pelo menos não a um preço que Peleg e Elizabeth Wadsworth pudessem pagar. Elizabeth se divertiu secretamente com a expressão intensa e preocupada do marido. Ele era um bom homem, pensou com carinho, honesto até não poder mais e digno da confiança de todos os vizinhos. Precisava de um corte de cabelo, se bem que os cachos ligeiramente desganhados davam ao rosto magro uma expressão atrativamente jovial. — Lamento interromper a guerra — disse ela — mas você tem visita. — Ela assentiu na direção da casa deles, onde um homem de uniforme amarrava o cavalo ao poste.

O visitante era magro, com rosto redondo, de óculos, familiar para Wadsworth, mas ele não conseguiu identificar o sujeito que, com o cavalo amarrado em segurança, pegou um papel no bolso da casaca e caminhou pela praça ensolarada. Seu uniforme era castanho-claro com debruns brancos. Um sabre pendia em tiras de couro presas ao cinto.

— General Wadsworth — disse ele enquanto se aproximava. — É bom vê-lo com saúde, senhor — acrescentou, e por um segundo Wadsworth tentou desesperadamente juntar um nome ao rosto até que, abençoadamente, o nome veio.

— Capitão Todd — disse, escondendo o alívio.

— Agora major Todd, senhor.

— Parabéns, major.

— Fui nomeado assessor do general Ward, que lhe envia isto. — Ele entregou o papel a Wadsworth. Era uma folha simples, dobrada e lacrada, com o nome do general Artemas Ward escrito em letras compridas e finas sob o lacre.

O Forte

O major Todd olhou sério para as crianças. Ainda enfileiradas desajeitadamente, elas o espiavam de volta, intrigadas com a espada curva pendurada na cintura.

— Descansar — ordenou Todd, depois sorrindo para Wadsworth.

— O senhor os recruta ainda muito jovens, hein, general?

Um tanto embaraçado por ser descoberto treinando crianças, Wadsworth não respondeu. Partiu o lacre e leu a breve mensagem. O general Artemas Ward cumprimentava o general de brigada Wadsworth e lamentava informar que fora feita uma acusação contra o tenente-coronel Paul Revere, comandante do Regimento de Artilharia de Massachusetts, mais especificamente que ele vinha retirando rações e pagamento para trinta homens inexistentes, e agora o general Ward pedia que Wadsworth fizesse investigações sobre a veracidade de tal alegação.

Wadsworth leu a mensagem pela segunda vez, depois dispensou as crianças e então chamou Todd para caminhar com ele em direção ao cemitério.

— O general Ward está bem? — perguntou educadamente. Artemas Ward comandava a Milícia de Massachusetts.

— Bastante bem — respondeu Todd —, à exceção de algumas dores nas pernas.

— Ele está ficando velho. — Por um momento de obrigação os dois trocaram notícias sobre nascimentos, casamentos, doenças e mortes, os pequenos diálogos de uma comunidade. Haviam parado à sombra de um olmo, e depois de um tempo Wadsworth gesticulou com a carta. — Parece-me estranho — disse cautelosamente — que um major traga uma mensagem tão trivial.

— Trivial? — perguntou Todd com seriedade. — Estamos falando de peculato, general.

— Que, se for verdade, terá sido registrado nos livros de contabilidade. É necessário um general para inspecionar os livros? Um escrivão

poderia fazer isso.

— Um escrivão fez isso — disse Todd, carrancudo —, mas o nome de um escrivão no relatório oficial não tem peso.

Wadsworth entendeu a irritação.

— E vocês procuram peso?

— O general mandaria a questão ser investigada meticulosamente — respondeu Todd com firmeza — e o senhor é o general-adjunto da Milícia, o que o torna responsável pela boa disciplina das forças.

Wadsworth se encolheu diante do que considerava uma lembrança impertinente e desnecessária de seus deveres, mas deixou a insolência passar sem censura. Todd tinha a reputação de ser um homem metuloso e diligente, mas Wadsworth também se lembrava de um boato de que o major William Todd e o tenente-coronel Paul Revere alimentavam uma forte aversão mútua. Todd havia servido com Revere na artilharia, mas tinha se demitido em protesto contra a desorganização do regimento. Wadsworth suspeitava de que Todd estava usando seu novo posto para atacar o velho inimigo, e não gostou disso.

— O coronel Revere desfruta da reputação de ser um patriota excelente e fervoroso — disse em tom ameno, mas com uma provocação deliberada.

— Ele é um homem desonesto — retrucou Todd com veemência.

— Se as guerras fossem travadas apenas pelos honestos certamente teríamos paz perpétua?

— O senhor conhece o coronel Revere?

— Não posso dizer que o conheça mais do que superficialmente. Todd assentiu, como se a resposta fosse adequada.

— Sua reputação, general, é intocável — disse. — Se provar a existência de peculato, nenhum homem em Massachusetts questionará o veredicto.

Wadsworth olhou de novo para a mensagem.

O Forte

— Somente trinta homens? — perguntou em dúvida. — Você cavalgou desde Boston por um assunto tão pequeno?

— Não é uma cavalgada longa — disse Todd defensivamente —, e tenho negócios em Plymouth, de modo que era conveniente visitá-lo.

— Se tem negócios, major, não vou retardá-lo. — A cortesia exigia que ele ao menos oferecesse algo para comer e beber, e Wadsworth era um homem cortês, mas estava irritado por ter sido envolvido no que suspeitava fortemente ser uma rixa pessoal.

— Fala-se num ataque contra o Canadá — observou Todd enquanto os dois voltavam pela praça.

— Sempre se fala de um ataque contra o Canadá — disse Wadsworth com alguma aspereza.

— Se um ataque assim acontecer, gostaríamos de que nossa artilharia fosse comandada pelo melhor homem disponível.

— Eu presumiria que desejaríamos isso, quer marchássemos contra o Canadá quer não.

— Precisamos de um homem íntegro — disse Todd.

— Precisamos de um homem que saiba atirar — reagiu Wadsworth bruscamente, e imaginou se Todd aspirava a comandar o regimento de artilharia, mas não falou mais sobre isso. Sua esposa esperava ao lado do poste de amarrar cavalos, com um copo d'água que Todd aceitou agradecido antes de cavalgar para o sul na direção de Plymouth. Wadsworth entrou e mostrou a carta a Elizabeth. — Temo que seja política, minha querida. Política.

— Isso é ruim?

— É incômodo. O coronel Revere é um homem de facção.

— Facção?

— O coronel Revere é zeloso — disse Wadsworth com cuidado —, e seu zelo cria inimigos, bem como amigos. Suspeito que o major Todd tenha feito a acusação. É uma questão de ciúme.

— Então você acha que a alegação é inverídica?

— Não tenho opinião e gostaria imensamente de continuar nessa ignorância. — Wadsworth pegou a carta de volta e leu mais uma vez.

— Mesmo assim é uma coisa errada — disse Elizabeth, séria.

— Ou uma alegação falsa? Um erro do contador? Mas me envolve em uma facção, e eu não gosto de facções. Se provar o malfeito transformarei metade de Boston em inimigos e ganharei o ódio de todos os maçons. Motivo pelo qual preferiria permanecer na ignorância.

— Então vai ignorar isso?

— Devo cumprir com meu dever, minha querida. — Wadsworth sempre cumprira muito bem com seu dever. Quando estudante em Harvard, quando era professor, como capitão da tropa da cidade de Lexington, como ajudante do general Washington no Exército Continental e agora como brigadeiro da milícia. Mas havia ocasiões, pensou, em que seu próprio lado era muito mais difícil do que o dos ingleses. Dobrou a carta e foi jantar.

Majabigwaduce era uma coluna de terra, quase uma ilha, em forma de bigorna. De leste a oeste tinha cerca de 3 quilômetros de comprimento, e de norte a sul raramente mais de 800 metros de largura, e a crista dessa coluna rochosa subia de leste para oeste, onde terminava num penhasco rombudo, alto, coberto de árvores, que dava para a ampla baía de Penobscot. O povoado ficava no lado sul da encosta, onde a frota britânica estava ancorada no porto. Era um povoado de casas pequenas, celeiros e depósitos. As casas menores eram simples cabanas de troncos, mas algumas eram moradias mais substanciais, de dois andares, com as estruturas cobertas por telhas de cedro que pareciam prateadas à luz aquosa do sol. Ainda não havia igreja.

A crista acima do povoado era densamente ocupada por pinheiros, mas a oeste, onde a terra era mais alta, havia belos bordos, faias e bétulas. Carvalhos cresciam perto da água. Boa parte da terra ao redor do povoado

O Forte

fora desmatada e plantada com milho, e agora machados mordiam os pinheiros enquanto os casacas vermelhas começavam a limpar a crista acima do povoado.

Setecentos soldados tinham vindo a Majabigwaduce. Quatrocentos e cinquenta eram escoceses das Terras Altas que usavam saiotes, os *highlanders** do 74o Regimento, outros duzentos eram das Terras Baixas, do 82o, e os cinquenta restantes eram soldados de engenharia e artilheiros. A frota que os trouxera havia se dispersado, o Blonde navegara em direção a Nova York deixando atrás apenas os três navios de transporte vazios e três pequenas chalupas de guerra cujos mastros agora dominavam o porto de Majabigwaduce. A praia estava atulhada de suprimentos desembarcados e uma nova trilha de terra batida subia diretamente pela longa encosta, desde a beira d'água até a crista do morro. O brigadeiro McLean subiu por essa trilha, andando com a ajuda de uma bengala torcida, feita de ameixeira-brava, acompanhado por um civil.

— Somos uma força pequena, Dr. Calef — disse McLean —, mas o senhor pode ter certeza de que cumpriremos com nosso dever.

— Calf — disse Calef.

— Perdão?

— Meu nome, general, pronuncia-se “calf”.

— Realmente peço perdão, doutor — disse McLean, inclinando a cabeça.

O Dr. Calef era um homem atarracado, alguns anos mais novo do que McLean. Usava um chapéu de copa baixa sobre uma peruca que não era empoada havia semanas e que emoldurava um rosto rude cuja principal característica era o maxilar decidido. Tinha se apresentado a McLean, oferecendo conselhos, ajuda profissional e qualquer outro apoio que pudesse dar.

— Os senhores ficarão por aqui, não? — perguntou o doutor.

— Decididamente, senhor, decididamente — respondeu McLean

cravando a bengala no solo fino. — Ah, de fato, pretendemos ficar.

— Para fazer o quê? — perguntou Calef, secamente.

— Deixe-me ver agora. — McLean parou, olhando dois homens se afastarem de uma árvore meio derrubada que tombou, lentamente a princípio, e depois com um estrondo numa explosão de galhos partidos, agulhas de pinheiro e poeira. — Minha primeira tarefa, doutor, é impedir que os rebeldes usem a baía como porto para seus navios corsários. Esses piratas têm sido um incômodo. — Isso era dizer pouco. Os rebeldes americanos dominavam todo o litoral entre o Canadá e Nova York, exceto a guarnição inglesa sitiada em Newport, Rhode Island; e os navios mercantes britânicos, fazendo essa longa viagem, estavam sempre sob o risco de ser atacados pelos corsários rebeldes, bem-armados e rápidos no mar. Ao ocupar Majabigwaduce, os ingleses dominariam a baía de Penobscot e assim negariam aos rebeldes aquele excelente ancoradouro que deveria se tornar a base da Marinha Real inglesa. — Ao mesmo tempo — continuou McLean — recebi a ordem de deter qualquer ataque rebelde contra o Canadá, e em terceiro lugar, doutor, devo encorajar o comércio aqui.

— Madeira para mastros — resmungou Calef.

— Especialmente madeira para mastros — concordou McLean.

— E em quarto lugar devemos colonizar esta região.

— Colonizar?

— Para a coroa, doutor, para a coroa. — McLean sorriu e balançou sua bengala, indicando a paisagem. — Veja, Dr. Calef, a província da Nova Irlanda, pertencente a Sua Majestade.

— Nova Irlanda? — perguntou Calef.

— Entre a fronteira do Canadá e 130 quilômetros ao sul é tudo Nova Irlanda.

— Confiemos em que não seja tão papista quanto a velha Irlanda — disse Calef azedamente.

— Tenho certeza de que será temente a Deus — observou McLean

com tato. O general havia servido muitos anos em Portugal e não compartilhava a aversão de seu compatriota pelos católicos romanos, mas era um soldado suficientemente bom para saber quando evitar o confronto. — E o que o trouxe à Nova Irlanda, doutor? — perguntou, mudando de assunto.

— Fui expulso de Boston pelos malditos rebeldes — respondeu Calef com raiva.

— E escolheu vir para cá? — McLean parecia incapaz de esconder a surpresa com o fato do doutor ter fugido de Boston para aquele lugar ermo coberto de névoa.

— Aonde mais eu poderia levar minha família? — perguntou Calef, ainda com raiva. — Santo Deus, general, não existe governo legítimo entre aqui e Nova York! As colônias já são independentes em tudo, menos no nome! Em Boston os desgraçados têm uma administração, um poder legislativo, cargos de estado, um poder judiciário! Por quê? Por que isso é permitido?

— O senhor poderia ter se mudado para Nova York, não? — sugeriu McLean, ignorando a pergunta indignada de Calef. — Ou Halifax.

— Sou um homem de Massachusetts, e confio que um dia retornarei a Boston, mas uma Boston livre dos rebeldes.

— Também rezo por isso. Diga, doutor, a mulher deu à luz em segurança?

O Dr. Calef piscou, como se a pergunta o surpreendesse.

— A mulher? Ah, quer dizer, a esposa de Joseph Perkins. Sim, deu à luz em segurança. Uma bela menina.

— Outra menina, hein? — disse McLean, e virou-se para olhar a baía ampla, para além da entrada do porto. — Grande baía com grandes mares — disse em tom despreocupado, e então viu a incompreensão do doutor. — Disseram-me que esse era o significado de Majabigwaduce.

Calef franziu a testa, fazendo então um breve gesto, como se a questão fosse irrelevante.

— Não faço ideia do significado do nome, general. O senhor deve perguntar aos selvagens. Eles deram esse nome ao lugar.

— Bom, agora tudo isso é a Nova Irlanda — disse McLean, e em seguida tocou o chapéu. — Bom-dia, doutor. Tenho certeza de que conversaremos novamente. Agradeço seu apoio, sinceramente, mas, se me der licença, o dever chama.

Calef olhou o general subir o morro mancando, depois do que gritou para ele:

— General McLean!

— Senhor? — McLean girou.

— Não acredita que os rebeldes deixarão que o senhor fique aqui, não é?

McLean pareceu considerar a pergunta por alguns segundos, quase como se nunca tivesse pensado nisso antes.

— Creio que não — disse em tom ameno.

— Eles virão atrás do senhor — alertou Calef. — Assim que souberem que está aqui, general, eles virão.

— Sabe de uma coisa? Creio que virão mesmo. — Ele tocou o chapéu de novo. — Bom-dia, doutor. Fico feliz pela Sra. Perkins.

— Dane-se a Sra. Perkins — disse o doutor, porém baixo demais para que o general ouvisse. Então, virou-se e olhou para o sul, ao longo da baía comprida, para além de Long Island, até onde o rio desaparecia a caminho do mar distante, e imaginou quanto tempo iria demorar para uma frota rebelde aparecer no canal.

A frota viria, tinha certeza. Boston ficaria sabendo da chegada de McLean e desejaria livrar esse local dos casacas vermelhas. E Calef conhecia Boston. Tinha sido membro da Assembleia Geral de lá, tinha sido um legislador de Massachusetts, mas também era um teimoso legalista que fora expulso de casa depois de os ingleses saírem da cidade. Agora morava ali, em Majabigwaduce, e os rebeldes viriam atrás dele de novo. Sabia disso,

O Forte

temia a chegada deles e temia que um general que se importava com uma mulher e seu bebê fosse frouxo demais para fazer o que era necessário.

— Simplesmente mate todos eles — resmungou para si mesmo —, simplesmente mate todos.

Seis dias depois de o general de brigada Wadsworth ensaiar a formação com as crianças, e depois de o general de brigada McLean ter entrado no aconchegante porto de Majabigwaduce, um capitão andava de um lado para o outro no tombadilho superior de seu navio, a fragata *Warren*, da Marinha Continental. Era uma manhã quente em Boston. Havia névoa nas ilhas do porto e um úmido vento sudoeste trazia uma promessa de trovoadas à tarde.

— O barômetro? — pediu bruscamente o capitão.

— Baixando, senhor — respondeu um aspirante.

— Como pensei — disse o capitão Dudley Saltonstall —, como pensei.

Andou de bombordo a estibordo e de estibordo a bombordo embaixo da vela de ré perfeitamente enrolada em sua longa retranca. Seu rosto de queixo comprido estava sombreado pelo bico da frente do chapéu, sob o qual seus olhos espiavam argutos, indo da infinidade de navios ancorados até sua tripulação que, embora reduzida, enxameava o convés, os costados e o cordame da fragata para a limpeza matinal. Saltonstall fora recém-nomeado para o *Warren* e estava decidido a transformá-lo em um navio impecável.

— Como pensei — repetiu Saltonstall. O aspirante, parado respeitosamente ao lado do canhão de bombordo na popa, firmou a perna contra o suporte da peça e não disse nada. O vento tinha força suficiente para puxar o *Warren* nos cabos das âncoras e fazê-lo estremecer com as pequenas ondas que tremeluziam brancas no porto. O *Warren*, assim como as duas embarcações próximas que também pertenciam à Marinha Continental, mostrava

a bandeira de listras vermelhas e brancas onde uma cobra ficava acima das palavras “Don’t Tread On Me”. Muitos dos outros navios no porto apinhado exibiam a nova e ousada bandeira dos Estados Unidos, com listras e estrelas, mas dois brigues elegantes, ambos armados com 14 canhões de seis libras e ancorados perto do *Warren*, exibiam a bandeira da Marinha de Massachusetts que exibia um pinheiro verde em um campo branco e tinha as palavras “An Appeal to Heaven”.

— Um apelo ao absurdo — resmungou Saltonstall.

— Senhor? — perguntou nervosamente o aspirante.

— Se nossa causa é justa, Sr. Coningsby, por que precisamos apelar ao céu? Devemos apelar à força, à justiça, à razão.

— Sim, senhor — disse o aspirante, incomodado com o hábito do capitão de olhar para além da pessoa com quem falava.

— Apelar ao céu! — zombou Saltonstall, ainda olhando para além da orelha do aspirante, em direção à ofensiva bandeira. — Na guerra, Sr. Coningsby, é melhor apelarmos ao inferno.

As bandeiras das outras embarcações eram mais cômicas. Um navio de costado baixo, com os mastros muito inclinados para trás e as portinholas dos canhões pintadas de preto, tinha uma cascavel enrolada no brasão da bandeira, enquanto outro exibia um crânio com as tíbias cruzadas e um terceiro mostrava o rei George da Inglaterra perdendo a coroa para um ianque de aparência alegre que usava um porrete cheio de espetos. O capitão Saltonstall desaprovava essas bandeiras feitas em casa. Significavam desleixo. Uma dúzia de outros navios tinha bandeiras inglesas, mas todas elas balançavam abaixo das americanas, indicando que haviam sido capturados, e o capitão Saltonstall desaprovava isso também. Não o fato de os navios mercantes britânicos terem sido capturados, isso era claramente uma boa coisa, nem que as bandeiras proclamassem as vitórias, já que isso também era desejável, mas porque agora os navios capturados eram supostamente propriedades particulares. Não dos Estados Unidos, mas sim dos

corsários, como a chalupa de costado baixo e mastros inclinados, decorada com a cascavel.

— Eles são piratas, Sr. Coningsby — resmungou Saltonstall.

— Sim, senhor. — respondeu o aspirante Fanning. O aspirante Coningsby tinha morrido de febre na semana anterior, mas todas as nervosas tentativas de Fanning para corrigir o capitão haviam fracassado e ele abandonara qualquer esperança de ser chamado pelo nome verdadeiro.

Saltonstall ainda estava franzindo a testa na direção dos corsários.

— Como podemos encontrar uma tripulação decente quando a pirataria acena? — reclamou. — Diga, Sr. Coningsby!

— Não sei, senhor.

— Não podemos, Sr. Coningsby, não podemos. — Saltonstall estremeceu diante da injustiça da lei. Era verdade que os corsários eram piratas patriotas, ferozes como lobos em batalha, mas lutavam por seu ganho particular, e isso tornava impossível para um navio de guerra da Marinha Continental, como o *Warren*, encontrar bons tripulantes. Que rapaz de Boston serviria ao país em troca de algumas moedas quando podia entrar para um navio corsário e ganhar uma parte dos saques? Não era de espantar que o *Warren* estivesse carente de tripulantes! A fragata levava 32 canhões e era tão boa quanto qualquer outra no litoral americano, mas Saltonstall tinha homens suficientes para lutar com apenas metade dessas armas, enquanto todos os corsários estavam completamente tripulados.

— É uma abominação, Sr. Coningsby!

— Sim, senhor — respondeu o aspirante Fanning.

— Olhe aquilo! — Saltonstall parou de andar e apontou um dedo para o *Ariadne*, um gordo mercante inglês que fora capturado por um corsário. — Sabe o que ele estava transportando, Sr. Coningsby?

— Nogueira-preta de Nova York para Londres, senhor?

— E levava seis canhões, Sr. Coningsby! Canhões de nove libras!

Seis. Canhões de nove libras, bons e longos! E novos! Onde estão esses canhões agora?

— Não sei, senhor.

— Foram postos à venda em Boston! — Saltonstall cuspiu as palavras. — À venda, Sr. Coningsby, em Boston, quando nosso país precisa desesperadamente de canhões! Isso me deixa furioso, Sr. Coningsby, me deixa muito furioso.

— Sim, senhor.

— Esses canhões serão derretidos para construírem inutilidades. Inutilidades! Isso me deixa furioso, por minha alma, realmente me deixa! — O capitão Saltonstall carregou sua fúria até a amurada de estibordo, onde parou para olhar um pequeno cúter que se aproximava vindo do norte. As velas escuras apareceram primeiro como um remendo na névoa, e depois o remendo tomou forma e se endureceu até revelar uma embarcação de mastro único com cerca de 12 metros pés de comprimento. Não era um barco de pesca, sendo estreito demais para essa função, mas os costados eram cortados por toletes mostrando que podia usar uma dúzia de remos e assim mover-se nos dias de calmaria, e Saltonstall reconheceu-o como um dos rápidos barcos mensageiros usados pelo governo de Massachusetts. Havia um homem de pé a meia-nau, com as mãos em concha, evidentemente gritando suas novidades para as embarcações atracadas pelas quais o cúter deslizava próximo. Saltonstall gostaria muito de saber o que o homem gritava, mas achou que fazer indagações vulgares estava abaixo de sua dignidade como capitão da Marinha Continental, por isso deu as costas no instante em que uma escuna, com a amurada pontuada por portinholas de canhões, ganhava impulso para passar pelo *Warren*. Era um navio corsário de casco preto com o nome Matador de Reis proeminente em tinta branca no costado. As velas com riscas de sujeira estavam bastante caçadas para tirá-lo do porto. Levava uma dúzia de canhões no convés, o bastante para obrigar a maioria dos mercantes ingleses a uma rendição rápida, e era cons-

O Forte

truído para ser veloz, de modo que poderia escapar de qualquer navio de guerra da Marinha Britânica. Seu convés estava apinhado de homens e na carangueja da mezena havia uma bandeira azul com a palavra *Liberdade* bordada em letras brancas. Saltonstall esperou que essa bandeira fosse baixada em saudação ao seu estandarte, mas a escuna preta não deu nenhum sinal de reconhecimento enquanto passava. Um homem no corrimão de popa olhou para Saltonstall, depois cuspiu no mar, e o capitão do *Warren* se eriçou, suspeitando de um insulto. Olhou o navio ir em direção à névoa. O *Matador de Reis* saía para caçar, atravessando a baía, ao redor da ponta norte do Cape Cod e saindo para o Atlântico, onde os gordos navios cargueiros ingleses bamboleavam nas corridas para oeste, desde Halifax até Nova York.

— Inutilidades — resmungou Saltonstall.

Uma barca aberta, com mastros atarracados, pintada de branco com uma tira preta ao redor da amurada, saiu do cais da ilha Castle.

Uma dúzia de homens manobrava os remos, fazendo força contra as ondas pequenas, e a visão da barca fez o capitão Saltonstall buscar um relógio em seu bolso. Abriu a tampa e viu que eram 8h10. A barca estava precisamente pontual, e em menos de uma hora ele iria vê-la retornar de Boston, desta vez trazendo o comandante da guarnição da ilha Castle, que preferia dormir na cidade. Saltonstall aprovava a barca da ilha Castle. Era pintada com elegância, e sua tripulação, ainda que não usasse uniformes de verdade, tinha camisas parecidas. Havia uma tentativa de ordem, de disciplina, de decoro.

O capitão voltou a andar, de bombordo a estibordo, de estibordo a bombordo.

O *Matador de Reis* desapareceu na névoa.

A barca da ilha Castle abria caminho pelo ancoradouro. Um sino de igreja começou a tocar.

Porto de Boston, uma manhã quente, 23 de junho de 1779.

O tesoureiro do 82o Regimento de Infantaria de Sua Majestade caminhava para o oeste ao longo da crista de Majabigwaduce. De trás dele vinha o som de machados golpeando árvores, e a toda volta havia névoa. Uma névoa densa. Todas as manhãs, desde que a frota havia chegado, ela estivera presente.

— Ela vai se dissipar — disse animado o tesoureiro.

— Sim, senhor — respondeu obedientemente o sargento McClure. Ele tinha um piquete de seis homens do 82o Regimento de Infantaria, o regimento do duque de Hamilton, e por isso eram conhecidos como Hamiltons. McClure tinha 30 anos, era muito mais velho do que seus homens e 12 anos mais velho do que o tesoureiro, um tenente, que ia à frente do piquete num passo rápido e entusiasmado. Suas ordens eram estabelecer um posto de sentinela no ponto mais alto da península, a oeste, de onde poderia ser mantida uma vigilância sobre a ampla baía de Penobscot. Se algum inimigo viesse, a baía era o caminho de aproximação mais provável. Agora o piquete estava em um terreno com árvores densas, parecendo extremamente diminuto diante das árvores altas, escuras, amortalhadas pela névoa. — O brigadeiro, senhor — aventurou-se o sargento McClure —, disse que poderia haver rebeldes aqui.

— Absurdo! Não há rebeldes aqui! Todos fugiram, sargento!

— Se o senhor diz...

— Digo sim — respondeu entusiasmado o jovem oficial, que então parou subitamente e apontou para o mato baixo. — Ali!

— Um rebelde, senhor? — perguntou McClure obedientemente, sem ver nada digno de nota entre os pinheiros.

— Aquilo é um tordo?

— Ah. — McClure viu o que havia interessado ao tesoureiro e olhou com mais atenção. — É um pássaro, senhor.

— Estranhamente, sargento, eu tinha consciência desse fato — disse o tenente, alegremente. — Observe o peito, sargento.

O Forte

O sargento McClure observou obedientemente o peito do pássaro.

— Vermelho, senhor?

— Vermelho, sim. Parabéns, sargento, e isso não lhe traz à mente os tordos de nossa terra? Mas este sujeito é maior, muito maior! Um sujeito bonito, não é?

— Quer que eu atire nele, senhor? — perguntou McClure.

— Não, sargento, simplesmente desejo que admire a plumagem. Um tordo está usando a casaca vermelha de Sua Majestade, você não acha que é um presságio de boa sorte?

— Ah, sim, senhor, acho.

— Detecto em você, sargento, uma falta de zelo. — O tenente de 18 anos sorriu para mostrar que não estava falando sério. Era um rapaz alto, uma cabeça maior do que o atarracado sargento, e tinha um rosto redondo, ansioso e móvel, sorriso rápido como um raio e olhos astutos e observadores. Sua casaca vermelha era cortada a partir de um caro pano es-carlate, com acabamentos pretos e cheia de botões brilhantes que, segundo boatos, eram feitos do ouro mais fino. O tenente John Moore não era rico, era filho de um médico, mas todo mundo sabia que ele era amigo do jovem duque, que diziam ser mais rico do que os dez homens mais ricos de toda a Escócia, e ter um amigo com tanto dinheiro, como todo mundo também sabia, era quase tão bom quanto ter dinheiro. O duque de Hamilton era tão rico que havia pago todas as despesas para formar o 82o Regimento de Infantaria, comprando uniformes, mosquetes, baionetas e, segundo boatos, provavelmente poderia se dar ao luxo de montar mais dez regimentos iguais sem nem ao menos notar as despesas. — Em frente — disse Moore. — Em frente, sempre em frente.

Os seis soldados, todos das Terras Baixas da Escócia, não se moveram. Apenas olharam o tenente Moore como se ele fosse uma espécie estranha vinda de algum país distante e pagão.

— Em frente! — gritou Moore de novo, caminhando rapidamente

outra vez entre as árvores. A névoa abafava o som áspero dos machados, vindo de onde os homens do general de brigada McLean limpavam a crista do morro de modo que o forte que planejava construir tivesse campos de fogo abertos. Enquanto isso, o piquete do 82o subia uma encosta suave que se nivelava num platô amplo, coberto por um denso mato baixo e abetos escuros. Moore foi pisoteando os arbustos e parou de novo abruptamente. — Ali — disse apontando. — *Thalassa, Thalassa.*

— Tá lá? — perguntou McClure.

— Você não leu *Anábase*, de Xenofonte, sargento? — perguntou Moore, fingindo estar horrorizado.

— É o que vem depois do Levítico, senhor?

Moore sorriu.

— *Thalassa*, sargento, *Thalassa* — disse, em uma censura fingida — foi o grito dos dez mil quando finalmente, depois da longa marcha e dos sofrimentos sinistros, chegaram ao mar. É isso que significa! O mar! O mar! E eles gritavam de júbilo porque viram a segurança nas ondas suaves do seio marítimo.

— O seio dele, senhor — ecoou McClure, espiando para baixo sobre um penhasco súbito e íngreme, coberto de árvores, para vislumbrar o mar frio através da folhagem e por baixo da névoa em movimento. — Não é exatamente aconchegante, senhor.

— E é do outro lado dessa água, sargento, de seu covil nas terras sombrias de Boston, que os inimigos virão. Chegarão às centenas e aos milhares, atacam como as negras hordas dos midianitas, baixarão sobre nós como os assírios!

— Não se essa névoa durar, senhor. Os desgraçados vão se perder.

Pela primeira vez Moore não disse nada. Estava olhando para baixo do morro. Não era exatamente um penhasco, mas nenhum homem poderia escalá-lo com facilidade. Um atacante precisaria se arrastar subindo os 60 metros agarrando-se às poucas árvores pequenas, e um homem que

O Forte

tivesse de usar as mãos para se firmar não poderia usar o mosquete. A praia, quase invisível, era pequena e pedregosa.

— Mas os desgraçados vêm, senhor? — perguntou McClure.

— Não sabemos — respondeu Moore distraidamente.

— Mas o brigadeiro acha que sim, não é, senhor? — perguntou McClure ansioso. Os soldados ouviam, olhando nervosos do sargento baixo para o alto oficial.

— Devemos presumir, sargento — disse Moore mais tranquilamente —, que aquelas criaturas abomináveis se ressentirão de nossa presença. Nós tornamos a vida deles difícil. Ao nos estabelecermos nesta terra de leite azedo e mel amargo negamos aos corsários os portos de que eles necessitam para suas depredações imundas. Somos um espinho no pé deles, um inconveniente, um desafio à sua quietude.

McClure franziu a testa e coçou a cabeça.

— Então está dizendo que os desgraçados vêm, senhor?

— Espero sinceramente que sim — respondeu Moore com súbita veemência.

— Aqui não, senhor — disse McClure cheio de confiança. — É íngreme demais.

— Eles preferirão desembarcar em algum lugar ao alcance dos canhões de seus navios.

— Canhões, senhor?

— Grandes tubos de metal que cospem balas, sargento.

— Ah, obrigado, senhor. Eu estava me perguntando o que seriam — disse McClure com um sorriso.

Moore tentou conter um sorriso e fracassou.

— Devemos ser cumulados de tiros, sargento, não tenha dúvida. E não tenho dúvidas de que navios podem cobrir esta encosta com balas de canhão, mas como os homens poderiam subi-la em direção ao fogo dos nossos mosquetes? Mas mesmo assim esperemos que eles desembarquem

aqui. Nenhuma tropa poderia subir esta encosta se estivermos esperando no topo, não é? Por Deus, sargento, vamos transformar os desgraçados rebeldes num belo monte de entulho!

— Vamos mesmo, senhor — disse McClure com lealdade, ainda que em seus 16 anos de serviço tivesse se acostumado a jovens oficiais exibicionistas cuja confiança excedia a experiência. O tenente John Moore, decidiu o sargento, era outro desses, embora McClure gostasse dele. O tesoureiro possuía uma autoridade tranquila, rara num homem tão jovem, e era reconhecido como um oficial justo que se importava com as tropas. Mesmo assim, pensou McClure, John Moore precisaria aprender um pouco de bom-senso para não morrer jovem.

— Vamos trucidá-los — disse Moore entusiasmado, e então estendeu a mão. — Seu mosquete, sargento.

McClure entregou o mosquete ao oficial e olhou enquanto Moore colocava um guinéu no chão.

— O soldado que conseguir atirar mais rápido do que eu será recompensado com o guinéu — disse Moore. — O alvo é aquela árvore meio apodrecida, inclinada na encosta, estão vendo?

— Mirem na árvore torta e morta — explicou McClure aos soldados.

— Senhor?

— Sargento?

— O som dos mosquetes não assustará o acampamento?

— Eu alertei ao brigadeiro de que iríamos atirar. Sargento, sua caixa de cartuchos, por favor.

— Sejam rápidos, rapazes — encorajou McClure. — Vamos tirar o dinheiro do oficial!

— Vocês podem carregar e escorvar — disse Moore. — Proponho que disparemos cinco tiros. Se algum de vocês conseguir os cinco antes de mim, receberá o guinéu. Imaginem, senhores, que uma horda de rebeldes

fétidos está subindo o penhasco; então, façam o trabalho do rei e mandem os desgraçados para o inferno.

Os mosquetes foram carregados; a pólvora, a mecha e a carga foram socadas nos canos, os fechos foram escorvados e os fuzis fechados. Os estalos das pedrneiras sendo armadas pareciam estranhamente altos na manhã amortalhada pela névoa.

— Cavalheiros do 82o — clamou Moore em tom grandioso —, estão prontos?

— Os desgraçados estão prontos, senhor — disse McClure.

— Apontar! — ordenou Moore. — Fogo!

Sete mosquetes tossiram, lançando uma fedorenta fumaça de pólvora muito mais espessa do que a névoa em redemoinho. A fumaça se demorou enquanto pássaros voavam por entre as árvores densas e as gaivotas gritavam da água. Através do eco dos tiros McClure ouviu as balas dilacerando folhas e batendo nas pedras da pequena praia. Os homens estavam rasgando os próximos cartuchos de papel com os dentes, mas o tenente Moore já se encontrava adiante. Tinha escorvado o mosquete, fechado a chave e agora baixado a culatra pesada no chão e derramado a pólvora. Empurrou o papel do cartucho e a bala dentro do cano, levantou a vareta, enfiou-a para baixo com força, soltou-a com o retinido do choque entre os metais, depois cravou a vareta no chão, levou a arma ao ombro, mirou e atirou.

Ninguém havia vencido ainda o tenente John Moore. O major Dunlop tinha marcado o tempo de Moore uma vez e, com incredulidade, anunciara que o tenente havia disparado cinco tiros em menos de sessenta segundos. A maioria dos homens conseguia três disparos em um minuto com um mosquete limpo, alguns conseguiam disparar quatro vezes, mas o filho do doutor, amigo de um duque, podia disparar cinco. Moore fora treinado no mosquete por um prussiano e, quando menino, havia praticado e praticado, aperfeiçoando a habilidade essencial de um soldado, e tinha

tanta certeza de sua capacidade que, enquanto carregava os dois últimos tiros, nem se incomodou em olhar para a arma emprestada. Em vez disso deu um sorriso torto para o sargento McClure.

— Cinco! — anunciou, com os ouvidos retinindo por causa das explosões. — Algum homem me derrotou, sargento?

— Não, senhor. O soldado Neill conseguiu dar três tiros, senhor. O resto deu dois.

— Então meu guinéu está seguro — disse Moore, pegando-o.

— Mas nós estamos? — murmurou McClure.

— O que disse, sargento?

McClure olhou para baixo da ribanceira. A fumaça estava se dissipando e ele pôde ver que a árvore inclinada, a apenas 30 passos de distância, estava sem nenhuma marca de bala de mosquete.

— Nós somos pouquíssimos, senhor — disse ele. — Estamos sozinhos aqui e há um monte de rebeldes.

— Mais para serem mortos — respondeu Moore. — Vamos manter o posto aqui até a névoa se dissipar, sargento, depois vamos procurar um ponto de observação melhor.

— Sim, senhor.

O piquete estava postado; a tarefa era vigiar a chegada de algum inimigo. Ele viria, como garantira o brigadeiro aos seus oficiais. Disso McLean tinha certeza. Por isso cortava árvores e marcava o local onde seria erguido o forte.

Para defender as terras do rei de seus inimigos.